

BUDISMO: COSMOLOGIA E ESPIRITUALIDADE

BUDDHISM: COSMOLOGY AND SPIRITUALITY

Luiz Alencar Libório*

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar que o Budismo tem sua cosmologia e espiritualidade em grande sintonia, buscando o rico caminho do meio (*madhyamaka*). A interface macrocosmo está bem alinhada com a interface microcosmo (eu ilusório) para que se torne eu verdadeiro, em constante equilíbrio, para desaguar no não eu (nirvana). A interface dos Devas ajuda o eu que ainda habita o mesocosmo (Terra) e o microcosmo a viver bem a existência, sendo Buda - sentado na flor de lótus, - a nobre ponte que liga essas interfaces através da meditação, da espiritualidade e da vivência do Dharma (doutrina), tendo como projeto: a busca passivo-ativa, compassiva e amorosa da mente búdica. A metodologia é bibliográfica e o resultado é que o Budismo é uma filosofia e uma religião de básicas sintonias, priorizando a busca do eu verdadeiro (atman), o equilíbrio, o conhecimento da realidade com o terceiro olho (coração), a não violência ativa, a compaixão profunda e que se vise o cultivo mais profundo da coesão, da interioridade e do diálogo universal entre os povos e nações deste mundo em constantes avanços e recuos como a respiração de Brahman, a alma cósmica!

Palavras-chave: Cosmologia; Espiritualidade; Nirvana; Meditação; Interfaces

ABSTRACT

The objective of this article is to show that Buddhism has its cosmology and spirituality in great harmony, searching for the middle-way (*madhyamaka*). The *macrocosmic interface* is well in line with the *microcosmic face (illusory self)* in order to become the *true self*, in constant

* Doutor e Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (1997 e 2001), Mestre em Psicologia pela Pontifícia Universidade Salesiana (1997) de Roma. Professor Adjunto I da Universidade Católica de Pernambuco, I, Membro da Sociedade Brasileira de Teologia Moral - Conselheiro e Assessor Internacional de Teologia da Sexualidade das Equipes de Nossa Senhora (ENS), membro da Congregação dos Missionários da Sagrada Família (MSF). membro do Comitê de Ética do IMIP (Instituto de Medicina Integral Prof. Figueira). E-mail: laliborio@terra.com.br.

balance to flow into *not-self* (nirvana). The *Devas'* interface helps the *self* that still lives the *mesocosmic* (Earth) and microcosmic (*self*) existence, being Buddha - sat on the lotus flower - the noble bridge that binds these *interfaces* through meditation, spirituality, living the *Dharma* (doctrine), having as project: the passive-active, compassionate and loving search of Buddha-mind. The methodology is bibliographic and the result is that Buddhism is a philosophy and a religion of basic harmonies, having as priority the true self (*atman*), the balance, the knowledge of reality with the third eye (heart), the active non-violence, the profound compassion and that aim at the growing of a deeper cohesion, interiority, and universal dialogue among people and nations of this world in constant advance and backing like the breathing of Brahman, the cosmic soul!

Keywords: Cosmology; Spirituality; Nirvana; Meditation; Interfaces

INTRODUÇÃO

O mundo de nossos dias, sem dúvida, está grávido de tanta gente boa e honesta! No entanto, enquanto esta gravidez perdura, dentro desse histórico-afetivo, sementes do mal e da destruição são impiedosa e injustamente lançadas contra tantas pessoas inocentes que perdem suas vidas em plena primavera existencial.

Este artigo, de natureza descritivo-qualitativa, tem como objetivo demonstrar que, segundo o Budismo, em nível cosmológico-espiritual - desde o microcosmo (eu), passando pelo mesocosmo (Terra) e se espraiando no macrocosmo (Universo) - há uma *sintonia básica* nesses três universos, proveniente da Gênese Condicionada, com avanços e retrocessos, próprios dos sistemas dinâmicos e vivos.

As interfaces do eu *ilusório* e do *Universo* em expansão e contração (respirar de Brahman), do *self* e dos *devas* inferiores e superiores ante o Buda entre a Terra e o céu, sentado sobre a flor de lótus que surge da lama (mundo de baixo, das trevas) e se abre belamente para o transcendente (o *não eu*, o nirvana, a plenitude) parecem querer nos mostrar que a perfeição cósmico-espiritual, enquanto existenciais que somos, consiste no equilíbrio (*balance*), no caminho do meio (*Madhyamaka*), na harmonia básica e na espiritualidade integral na busca incessante da perfeição absoluta.

Justifica-se este estudo sobre “A cosmologia e a espiritualidade no Budismo” porque o nosso mundo anda muito esfacelado desde o eu até o grande universo, ensaiando-se a cada



passo uma grande destruição atômica (Coreia do Norte) e o Budismo, de fato, é uma cosmovisão que une realisticamente as interfaces cosmo e espiritualidade, contemplando também os avanços e retrocessos típicos da respiração de Brahman.

Falta a nós ocidentais uma maior integração de tudo, em nível cosmológico e espiritual, como também o conhecimento verdadeiro com o terceiro olho e o cultivo da compaixão, da bondade, da alegria verdadeira e da felicidade contagiadora de quem respira (inspira e expira) a compaixão, a coesão e o amor maior!

Para isso, este artigo se divide em: I - A cosmogonia e a cosmologia budistas; II - Os devas e a espiritualidade nas escolas budistas.

I - A COSMOGONIA E A COSMOLOGIA BUDISTAS

Esta primeira parte do artigo consta dos seguintes subtemas:

- 1) A cosmogonia budista: a criação do Universo; 2) A complexa cosmologia budista: reinos e devas.

1.1 A COSMOGONIA BUDISTA: A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

O primeiro elemento da cosmologia budista é a cosmogonia. Cosmogonia é uma palavra que vem do grego popular "koiné": κοσμογονία (de κόσμος "Cosmos, o mundo") e da raiz de γί(γ)νομαι/γέγονα ("entrar em um novo estado de ser" (RIDPATH, 2012, p.1). Em astronomia, cosmogonia refere-se ao estudo da origem do Universo, do sistema solar, ou do sistema Terra-Lua (RIDPATH, 2012, p. 1).

Mas, como se deu o surgimento do Universo, segundo o Hinduísmo e o Budismo?

Como o Budismo vem do Hinduísmo, é necessário considerar a Teogonia Védica do Hinduísmo que supõe o Universo surgido da respiração de Brahman (a alma do mundo, supremo Criador), que a cada movimento respiratório cria (expiração) e destrói (inspiração),

formando o espaço e o tempo, a matéria e as formas com a medida de eternidade: a Yuga (GARCIA, 2015)¹.

O Budismo professa a fé de que a criação (expiração de Brahman: formação e expansão do Universo) se deu por um ato de inteligência, sabedoria e amor, mantida pelos *devas* (deuses), também nascidos da inteligência e do amor, sendo a destruição (inspiração de Brahman) ato de regresso à fonte criadora, ativando a lembrança e a imanência da origem de um Universo primordial, dando início a um novo Yuga e assim sucessivamente.

É como a evaporação da água que sai do mar, dos rios e dos lagos e a eles volta com a chuva.

Figura 1 – Brahman em sua respiração: expiração-inspiração



Fonte: Roberto Bastos, 2009, p. 5.

De fato, para o Budismo o Universo sempre existiu e sempre existirá, pois a teoria búdica nos afirma a possibilidade de um Passado sem Início, em virtude da Gênese Condicionada, ou seja, todos os fenômenos precisam de condições para se manifestar (YÜN, 2001, p. 37-39).

Nesse vaivém do universo, há sempre uma conexão entre causa e efeito (gênese condicionada) com nascimentos menores, catástrofes de todo o tipo, gênese cósmicas, explosões estelares, queda de meteoritos, verdades essas não tão longe do que afirma a astronomia atual.

¹ Há quatro idades do mundo: a primeira é o *krita yuga*, época de unidade harmoniosa entre *dharma*, Deus, rito e veda. A seguir, vem o *treta yuga*, a divisão entre *dharma*, rito e veda. O momento seguinte é o *dvapara yuga*, quando os ritos perdem a harmonia. A etapa final é o *kaliyuga*, a decadência completa dos ritos e do *Dharma*.(GARCIA, 2016).

Portanto, ao se falar sobre a Lei de Causa e Efeito, a nossa mente se liga à Vontade primordial (Brahman) nos ciclos eternos com a Lei máxima que tudo rege (*Dharma*) e que está presente em todas as coisas e em todos os fenômenos.

No entanto, na cosmologia budista, a destruição não significa aniquilação absoluta de algo, mas uma mudança, uma transformação que libera os elementos a fim de que sejam gerados outros seres, formas e fenômenos (BASTOS, 2009, p. 5).

Em síntese, os budistas acreditam que o mundo não foi criado de uma só vez, mas que o mundo é criado milhões de vezes a cada segundo e isso continuará a acontecer e terminará por si mesmo. De acordo com o Budismo, os sistemas mundiais sempre aparecem e desaparecem no universo.

Como se pode observar, as leis que regem o macrocosmo (Universo) acontecem também no mesocosmo (Terra) e no microcosmo (eu) e obedecem rigidamente ao *Dharma universal* (Lei) e à *Gênese Condicionada* na história do universo segundo a complexa cosmologia budista.

1.2 A COMPLEXA COSMOLOGIA BUDISTA: REINOS E DEVAS

A cosmologia budista, do grego *kosmo+loguia* (κόσμος + λογία) “é a ciência afim da astronomia e que trata da estrutura do universo” (FERREIRA, 1986).

Buda percebeu esta estrutura do Universo não pela ciência (astronomia) que é muito recente, mas através do "olho divino", com o qual [Buda](#) percebe todos os outros mundos e seres nascendo ou morrendo dentro deles, afirmando de qual estado eles renasceram e para qual estado irão nascer segundo a lei cármica.

A cosmologia budista, de viés puramente espiritual, - embora a astronomia atual confirme muitos elementos dessa cosmologia espiritual – também é interpretada num sentido simbólico. A cosmologia budista pode ser dividida em dois tipos correlatos:

- 1) a *cosmologia espacial*, com sua *vertente vertical* (descreve a disposição dos vários sistemas mundiais ou “planos de existência”(31) com suas mentalidades”, empilhados uns sobre outros em camadas mais altas e mais baixas) e a *vertente*



horizontal (agrupamento dos mundos verticais em conjuntos de milhares, milhões e bilhões) dentro do universo;

- 2) a *cosmologia temporal*, a qual descreve como esses mundos vieram a existir e como deixam de existir, seguindo a respiração (expiração-inspiração) de *Brahman*, a alma do mundo, o Supremo Criador.

Na *cosmologia vertical*, cada mundo corresponde a um *estado mental* ou a um estado de ser, fundamentado por seu *karma* e, se os seres num mundo morrerem ou desaparecerem, o mundo desaparece também.

A *cosmologia vertical* é dividida em *trinta e um planos de existência* com seus diferentes tipos de mentalidade e os planos de existência em *três reinos (Tridhātu)*: o *Ārūpyadhātu*, o *Rūpadhātu* e o *Kāmadhātu*.

Segundo a *cosmologia búdica* tradicional, existem, num universo infinito, inúmeros *mundos* ou *sistemas mundiais*, tendo cada um no seu centro uma montanha-eixo (a de nosso mundo se chama *Sumeru*).

Em torno dessa montanha (*Sumeru*), giram o sol, a lua e os outros astros, sempre no sentido dos ponteiros do relógio, formando o conjunto uma espécie de cilindro ou, visto de cima, um disco.

Na periferia do disco, acha-se uma cadeia de montanhas, circular, e que limita as águas do imenso oceano. E entre essas montanhas exteriores e a montanha *Sumeru* se acham outras sete cadeias de montanhas separadas umas das outras por mares.

a) Os três planos

Todo o conjunto está dividido de alto abaixo em três planos:

- *Primeiro plano*: O plano “sem formas”: onde a matéria cede lugar ao pensamento puro;
- *Segundo plano*: O plano das “formas”: caracterizado pela sutileza da matéria;

- *Terceiro plano*: O Plano do “desejo”: que é o nosso plano (GIRA, 1992, p. 31-32).

Este mundo de *três planos* se acha povoado, segundo a tradição, por *seis reinos* ou categorias de seres que, por sua vez, incluem vários níveis, num total de trinta e um, sendo que cada um destes possui um ciclo de nascimento, desenvolvimento e declínio que duram bilhões de anos (*kalpa*: longo período cósmico). (GIRA, 1992, p. 33-34).

b) Os seis reinos e os devas (deuses)

Os seis reinos com seus devas são os seguintes:

- O *primeiro reino* é o dos *infernos* que em Latim (*infernus*) significa que está na parte de baixo, inferior. Os seres que habitam no inferno (que é temporário e não é um castigo de Deus, mas consequência do mau carma), libertam-se dele assim que o mau *karma* que os conduziu ali se esvai. Há infernos quentes e infernos frios;
- O *segundo reino* está acima do *reino dos infernos* pelo *lado direito* onde se encontra o mundo dos *espíritos ávidos (esfomeados) ou fantasmas*. Os que ali habitam sentem constantemente sede ou fome devoradora sem nunca serem dessedentados ou terem sua fome saciada. A arte budista representa os habitantes deste reino como tendo um estômago de elefante e uma boca bem pequenininha;
- O *terceiro reino* está acima do *reino dos infernos* pelo *lado esquerdo* onde se encontra o *reino animal*, perceptível aos seres humanos e onde vivem as várias espécies. Os animais são ainda mais cegos que os seres humanos no que se refere ao *verdadeiro sentido da vida*;
- O *quarto reino* é o dos *Asura* (termo traduzido como "Titãs" ou dos antideuses). Os seus habitantes são frutos de ações positivas realizadas com um sentimento de inveja e competição e vivem em litígio constante com os deuses;
- O *quinto reino* é o dos *seres humanos*. É considerado como um reino de nascimento desejável, mas ao mesmo tempo difícil. A vida, enquanto humano, é vista como uma via intermédia nesta cosmologia,



sendo caracterizado pela alternância das alegrias e dos sofrimentos, o que segundo o budismo favorece a tomada de consciência sobre a transmigração das almas.

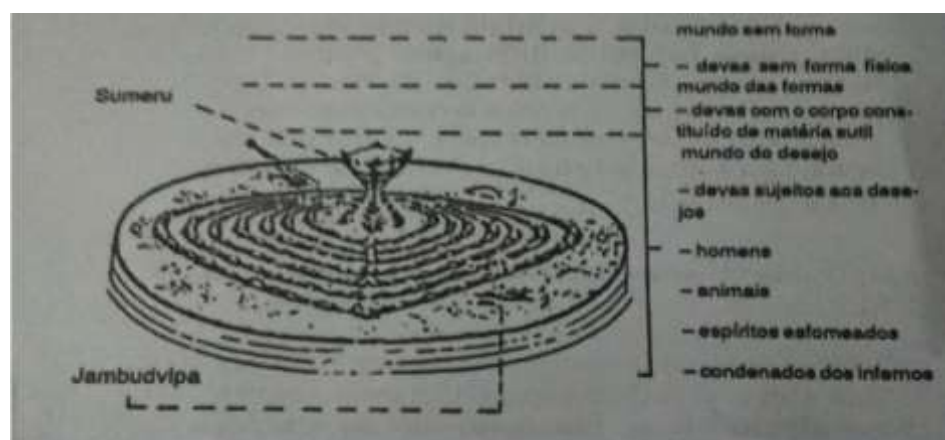
Os humanos povoam ilhas que se encontram no grande mar, do qual Jambudvīpa é a parte mais importante: a única ilha onde poderia nascer um Buda. Os homens, por causa de sua ignorância, sofrem imensamente, mas o fato de poderem ter acesso à doutrina de Buda faz deles entes sumamente cheios de sorte.

- O *sexto reino e último* é o dos *deuses* (*devas* inferiores e superiores) e é composto por vários níveis ou *habitats*. Nos níveis mais próximos do reino humano vivem seres que, devido à prática de boas ações, levam uma ação harmoniosa.

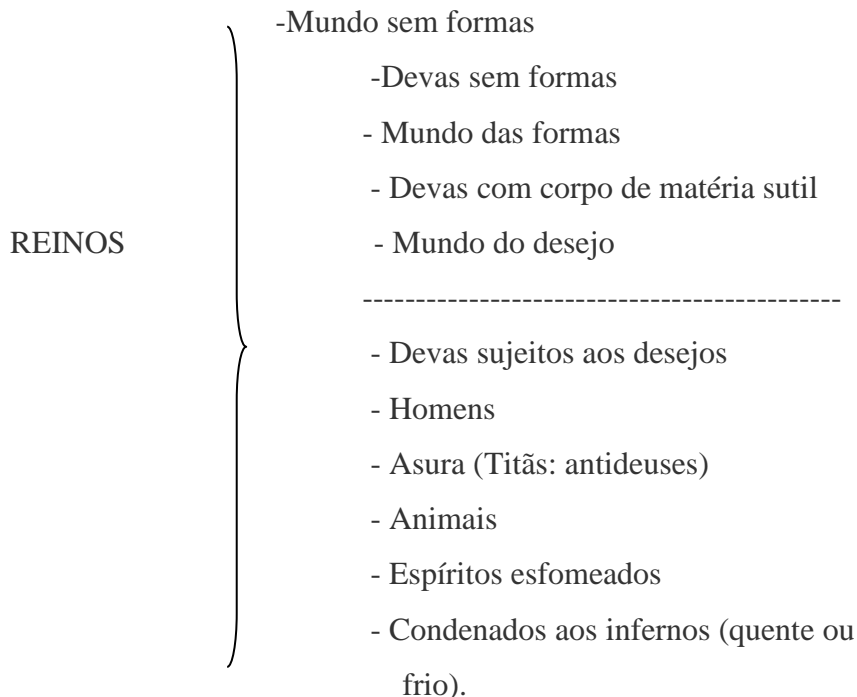
Os níveis situados entre o vigésimo terceiro e o vigésimo sétimo são denominados como "Residências Puras", sendo habitadas por seres que se encontram perto de atingir a iluminação e não voltarão a renascer como seres humanos (GIRA, 1992, p. 32-33).

Na cosmologia budista, como já se viu acima, a montanha Sumeru (figura abaixo: 2) é um marco norteador na vida espiritual do budista em seu processo encarnatório, pois ela é como que o centro de referência para os fiéis na sua busca de perfeição e plenitude.

Figura 2- A Montanha SUMERU na cosmologia budista



Fonte: Gira, 1992, p. 32.



Como se pode observar, a cosmologia budista é rica de tantos tipos de habitantes que povoam os mais diversos níveis do universo a depender de seus estados mentais adquiridos em suas reencarnações. Para cada tipo de mente há uma correspondência cosmológica.

O cosmo budista está superpovoado dos mais diversos seres, em nível espacial e temporal, com altos e baixos graus de perfeição cármica e que habitam desde os infernos (frios e quentes) até o mundo sem forma onde estão os devas superiores que já se livraram dos ciclos encarnatórios e atingiram a máxima espiritualidade.

2 OS DEVAS E A ESPIRITUALIDADE NAS ESCOLAS BUDISTAS

Este segundo capítulo tem os seguintes subtemas: 1) Os sete devas (deuses) da sorte na espiritualidade budista e asiática; 2) A espiritualidade nas escolas Hinayana (mosteiro) e Mahayana.

São tantas as tentativas de definição de espiritualidade nos diversos campos do saber. Tomo a definição de matiz mais psicológico dada por Edênio Valle (In: AMATUZZI, 2005, p. 104). que leva em conta a antropologia psicorreligiosa e a filosofia da religião: “Experiência de Deus sempre e em qualquer situação todas as vezes que descemos às profundezas da vida, onde ela apresenta brechas e se acha orientada para colher o transcendente”.



Segundo Leonardo Boff, *Espiritualidade* é o modo de ser pessoa como um todo e não apenas momentos de silêncio, de paz, de meditação, de contemplação do ser humano: é uma sinfonia de múltiplas dimensões, entre as quais as três dimensões fundamentais são:

- a) a *exterioridade* (corporeidade): o corpo como unidade e não dualidade;
- b) a *interioridade*: a mente voltada para dentro, captando todas as ressonâncias que o mundo da exterioridade provoca dentro do homem;
- c) a *profundidade*: capacidade de captar o que está além das aparências, daquilo que se vê, se escuta, se pensa e se ama. Apreende o outro lado das coisas, sua profundidade. As coisas possuem uma terceira margem. Espírito não é uma parte do ser humano. É aquele momento da consciência mediante o qual captamos o significado e o valor das coisas. Mais ainda, aquele estado de consciência pelo qual apreendemos o todo e a nós mesmos como parte e parcela do todo (BOFF, 2001, p. 62).

Esta definição de Leonardo Boff fundamentará muito bem a concepção de “Espiritualidade budista” que aponta muito bem para essas dimensões acima colocadas: exterioridade, interioridade e profundidade. Mas antes vejamos os sete devas na espiritualidade budista e asiática!

2.1 OS SETE DEVAS (DEUSES) DA SORTE NA ESPIRITUALIDADE BUDISTA E ASIÁTICA

As religiões, por mais fechadas que sejam, vivenciam certo sincretismo. Isso aconteceu também com o Budismo, à medida que se expandindo e penetrando outras culturas religiosas, assimilando deidades que não são tão típicas do Budismo puro.

Na Ásia (Japão, China) isso aconteceu especialmente na incorporação de devas que ajudam o povo no dia a dia em sua busca de sorte e perfeição. Eis os principais devas do Budismo no Japão onde Xintoísmo e Zen-budismo convivem pacificamente como complementares!

(Da esquerda para a direita: *Em cima*: Bishamon e Benzaiten. *Em baixo*: Daikoku, Jurojin, Fukurokyu, Hotei e Ebisu)

Figura 3 – Os sete devas do Budismo no Japão



Fonte: Álvaro Mitsunori Nishikawa, 2012.

Na mitologia asiática da qual faz parte o budismo são sete os *devas* (deuses) da fortuna e da felicidade, sendo indicativo da sorte o número sete (7) como no Judaísmo é o número da perfeição.

Assim também, na cosmovisão budista e na mitologia asiática são sete os personagens mitológicos que trazem fortuna e bem-estar, a saber: 1) Benzaiten; 2) Bishamon; 3) Daikoku; 4) Ebisu; 5) Jurojin; 6) Hotei e 7) Fukurokuju (NISHIKAWA, 2012).

Vejamos quem são e quais as suas funções na vida dos asiáticos e dos budistas, especialmente japoneses (zen-budismo):

1) *Benzaiten*: mulher representante da arte, da delicadeza e da compaixão, tendo um instrumento musical na mão símbolo das artes;

2) *Bishamon*: guardião do Budismo, distribuidor de riqueza, usa trajes de guerra, segura uma lança e uma roda de fogo, protege contra os ladrões, os demônios e indica o Norte;

3) *Daikoku*: o deus da prosperidade, patrono dos fazendeiros e é o mais alegre dos deuses, representado por um homem gordo em pé sobre sacos de arroz com um martelo de madeira na mão, representando o trabalho. É representado pelo rato;

4) *Ebisu*: O deus da sinceridade. Ele é patrono dos pescadores e, por isso, sempre está com a cumbuca e uma vara de pescar. Dizem que Ebisu não dá o peixe,

mas ensina pescar. Ter sua figura em casa ou no estabelecimento comercial garante sucesso nos negócios;

5) *Jurojin*: deus da felicidade, da longevidade e da boa sorte. Diz a lenda que esse deus foi um sábio chinês. Ele é o deus da sabedoria e é comumente apresentado como um homem velho com um chapéu com uma longa barba branca segurando um cajado.

6- *Hotei*: Figura: 4 - Hotei, chamado o Buda gordo



Fonte: Álvaro Mitsunori Nishikawa, 2012.

Hotei é o senhor da bondade, da generosidade humana. Vive rindo, sempre de bom humor, e, por isso mesmo, traz saúde e felicidade, pois está sempre satisfeito com o que tem. É chamado de Buda gordo!

Geralmente é representado com uma enorme barriga e roupa caindo pelos ombros. Seu abdômen avantajado não simboliza a gula, pelo contrário, é símbolo da satisfação e é confundido com um monge chinês que é encontrado em templos e restaurantes chineses e japoneses. Para os japoneses, o ventre (*hara*) representa o coração e a personalidade. Portanto, seu vasto ventre representa grandiosidade de espírito.

7) *Fukurokuju*: é o deus da longevidade e da sabedoria. Tem uma testa muito elevada. É representado com uma longa barba branca, trazendo na mão um cetro (*saku*) sagrado ou um bastão onde está pendurado um pergaminho (*makimono*), contendo as escritas da sabedoria mundial. Deus da ecologia (NISHIKAWA, 2012).

Em síntese, a grande *interface dos devas*, em seus três planos e seis reinos, auxilia os *caminheiros existenciais* (ainda marcados pela ilusão, ignorância e o não despertar) a cotidianamente subirem na escala evolutiva cármica, através da bondade, da compaixão, da meditação, da sintonia entre os universos: macro, meso e micro (interfaces) até chegar à perfeição (nirvana) sem mais voltas encarnatórias,

vivendo uma *espiritualidade integral e cósmica*, seja em nível de eu (*self*), seja em nível de comunidade monacal (*samgha*) nos veículos Hinayana e Mahayana.

2.2 A ESPIRITUALIDADE NAS ESCOLAS HINAYANA E MAHAYANA

No Ocidente, denominado cristão, geralmente se conhece dois tipos de espiritualidade: a *dicotômica* de São Bento: reza e trabalha (*Ora et labora*) e a *integrada e integradora* de Santo Inácio de Loyola: contemplativo na ação (*contemplativus in actione*).

A espiritualidade budista, em suas diversas escolas ou ramos (Hinayana, Mahayana, Vajrayana, Zen-budismo (Japão), Chan-budismo (China)) está em sua totalidade em sintonia com a espiritualidade integrada e integradora, partindo do ciclo do pessoal (Eu-*Self*), passando pelo mundo (espiritualidade do cotidiano) e chegando à espiritualidade cósmica.

Siddharta Gautama viveu esses ciclos e só recebeu o título de Buda aos trinta e cinco anos, quando, após seis anos de práticas espirituais, despertou para a realidade que existe para lá das aparências.

Pode-se afirmar, pois, que a espiritualidade budista acontece em três grandes ciclos:

- 1) O *pessoal* → viagem ao interior (Eu: *Ego*): com a prática da meditação, concentrando-se na respiração, inspirando e expirando com o corpo todo;
- 2) O *cotidiano* → na comunidade monacal e no mundo pela observância da doutrina-Lei (*dharma*);
- 3) O *cósmico* → expansão e contração do cosmo: inspiração e expiração de Brahman: a alma do mundo segundo o Hinduísmo no qual o Budismo tem muitas de suas raízes, sendo o Buda na flor de lótus a ponte entre a imanência e a transcendência.

2.3.1 O ciclo pessoal: viagem ao interior (EU: Ego)

Mas qual a tessitura do Eu (*Ego*) no Budismo?

O eu no budismo pode adquirir as seguintes características:

- 1) *Eu ilusório*, cuja tessitura consiste na realidade corporal, nas paixões, nos desejos, de modo substancial e permanente, com o domínio de seus cinco agregados (*Skandhas*): corpo, sensações, percepções, vontade (desejos, paixões), consciência (conhecimento) que, quando muito apegados (atenção) a essas realidades fenomenais gera para as pessoas que as experimentam um Inferno (*Inferus*: o que está em baixo);
- 2) *Eu verdadeiro* (*Atman*: o eu que está diante, em sintonia com *Brahman*) que busca viver o Equilíbrio, o Caminho do meio (*Madhyamaka*), as Quatro nobres verdades, o *Mandala* e o Despertar que aconteceu com Buda, embora de modo incompleto (por causa do corpo) que seria no Cristianismo o Purgatório (*Purgare*: purificar): a nossa caminhada existencial no corpo;
- 3) *Não-Eu* que diz respeito ao desaguar impessoalmente no *Brahman*: alma do mundo que é Absoluto, Pleno e que corresponde no Cristianismo ao Céu (*Coelum*) e no Budismo ao *Nirvana* com o Buda perfeito.

O mundo humano está marcado pela preocupação de maximizar o prazer e de minimizar a dor – o que implica um número imenso de estratégias. Mas, isso não nos consegue uma segurança suficiente.

O *ego ilusório* não consegue nunca obter o que ele procura: conservar o prazer. Procura o céu, a perfeição, o mundo dos deuses, a preocupação de ser melhor que o outro.

Nesse combate incessante, visando a um tipo de perfeição, o *ego ilusório* começa a julgar obsessivamente o seu progresso, comparando-se com os outros e julgando os outros e tentando desesperadamente fabricar a felicidade sem saber que tudo é insubstancialidade e impermanência, descendo lentamente aos infernos pela vivência do dualismo, chegando ao total desencontro e desespero existencial.

Para o Budismo, nossa consciência mais alta é a *mente*. Buda costumava afirmar que o homem é a sua mente! Mas o que é a mente no Budismo? A mente é a parte do ser baseada em experiências, conhecimentos, pensamentos, parte sem forma que sobrevive à morte.

O que sobrevive no Budismo? Não é o *Atman*, a alma ligada ao *Brahman*, mas a *corrente mental* de cada um de nós, com impressões deixadas nela por nossas ações boas ou



más. Esta corrente mental, quando é negativa, dá origem à nova experiência de vida, às reencarnações. Então, reencarnamos porque temos carma, isto é, marcas negativas em nossa mente.

Quando alguém não tem mais impressões negativas na corrente mental, não se encarna mais. Liberta-se do *Samsara* (ciclos encarnatórios). Quando nossa consciência não possui mais marcas insatisfatórias, ela entra num estado de bem-aventurança chamado Nirvana.

O budista, ao meditar, quer acalmar a mente para atingir a bem-aventurança da mente búdica, dedicando-se apenas à busca da felicidade, livrando-se das dores e dos sofrimentos e quando oram não o fazem a Deus, mas a seres iluminados e compassivos (*devas*, deuses).

Teremos uma mente plena de bem-aventurança, porém, jamais seremos um ser individual. O que é um ser individual? Um ser que tem características próprias não sendo nunca apenas um número ou uma peça na engrenagem do imenso Universo.

No Budismo, todos aqueles que atingem a *mente búdica* têm as *mesmas percepções espirituais*, suas mentes são idênticas, formando uma *Unidade*, não uma Diversidade na Unidade.

2.3.2 O eu verdadeiro (atman) diante de Brahman e do Universo

a) Espiritualidade monacal budista (Hinayana)

Na comunidade búdica, há quatro categorias de budistas: os *bhiksu* (monges mendicantes), as *bhiksuni* (as monjas mendicantes), os *upasaka* (os leigos) e as *upasika* (as leigas).

As regras disciplinares monásticas budistas perfazem um total de 227 para os monges e 311 para as monjas, chamadas de *Patimokkha* segundo a escola Theravada (Hinayana).

Mohan Wijayaratna (*apud* GIRA, 1992, p. 110) apresenta um resumo da regra monástica budista sob a forma do seguinte esquema:

Tabela 1: Regras da comunidade (*samgha*) budista Hinayana



		Nº de	regras
		Monges	Monjas
1	Faltas que acarretam degradação	4	8
2	Faltas que devem ser julgadas pela comunidade em solene reunião	13	17
3	Faltas que acarretam equívoco	2	---
4	Faltas que implicam confissão e abandono do objeto indevidamente obtido	30	30
5	Falta que obriga à confissão	92	166
6	Faltas que implicam uma declaração	4	8
7	Preceitos de boa conduta	75	75
8	Faltas que admitem atenuantes	7	7
	TOTAL	227	311

Fonte: Mohan Wijayaratna, 1983, p. 153 (*apud* Gira, 1992, p. 113).

Na impossibilidade de colocar todas elas, vamos nos ater a algumas passagens dos discursos de Buda sobre a vida monástica e alguns preceitos para a vida monástica budista.

b) Passagens dos discursos de Buda sobre a vida monástica budista

O controle é bom. O controle dos sentidos: visão, audição, olfato, gosto, falar, pensar é bom. O controle do corpo é bom. O monge que é controlado em tudo é livre do sofrimento. Sua fala é doce como o mel.

O monge não se identifica com o *self*, não procura o que é inatingível e não se aflige com isso. O monge vive sempre numa delicadeza amorosa e é sereno na sua fé. O monge que escapou dos cinco primeiros grilhões (a ideia da existência de um eu, a dúvida, o apego a preceitos e rituais, desejo sensual e a má vontade) é alguém que “sobreviveu à inundação”.

O monge que foi a um “lugar solitário” e tem uma mente serena e que compreende profundamente em seu coração a doutrina experimenta uma alegria que nenhuma outra pessoa pode ter.



O monge que é sereno no corpo, na fala, na mente e no coração e que renunciou aos desejos mundanos é verdadeiramente pacífico. O monge que entende o conceito da impermanência, do subir e descer, do ir e vir e os atributos físicos de todas as coisas conhece a alegria da imortalidade.

O monge que aspira a sabedoria do *insight* (discernimento) guarda seus sentidos, é contente, é controlado pelas regras monásticas (*Patimokkha*) e tem a nobre companhia de monges cuja vida é pura e cujas mentes são penetrantes. O monge, mesmo o jovem monge, que é devotado às três joias: Buda, doutrina (*Dharma*) e à comunidade (*Sangha*) ilumina este mundo e é como a lua num firmamento sem nuvens.

Aquele que não tem nenhuma sabedoria do discernimento (*insight*) não pode atingir a recompensa da meditação e aquele que não medita não pode chegar à sabedoria do discernimento (*insight*). Meditação com a sabedoria do discernimento leva o monge a desaguar no nirvana. Monge, motive-se! Examine-se! Controle-se! Quando você conscientemente se protege, você vive feliz! Monge, você e você sozinho são o seu refúgio! Você e você sozinho são o seu caminho (ROSCOE, 2000, p. 88-91).

c) Os dez (10) Preceitos fundamentais da ética budista (Theravada/Hinayana)

1. Abster-se de destruir a vida;
2. Abster-se de furtar – ou mais exatamente: abster-se de tomar alguma coisa que não foi dada;
3. Abster-se de fornicação e toda forma de impureza;
4. Abster-se de mentir;
5. Abster-se de licor fermentado, de álcool e de toda bebida forte;
6. Abster-se de comer num horário proibido (de tarde);
7. Abster-se de dançar, de cantar e de qualquer espetáculo;
8. Abster-se de enfeitar e embelezar o corpo, usando grinaldas, perfumes ou unguentos;
9. Abster-se de usar um leito ou poltrona muito alta e espaçosa;
10. Abster-se de receber ouro e prata.



Todos esses preceitos têm como objetivo extinguir aos pouquinhos o fogo das paixões que, com efeito, é alimentado pelas ações proibidas por eles (GAUTAMA, 2003, p. 118-119).

Como se pode perceber a espiritualidade budista não é tão simples assim como se poderia pensar, à primeira vista, indo do eu (*self*), ao cotidiano da vida simples e monacal e ao cosmo.

d) A espiritualidade cósmica na escola Mahayana

A mais antiga das tradições budistas é o *Hinayana* também chamado de *Theravada*.

Um adepto do *Theravada* acha que se cada homem melhora o mundo automaticamente melhora. Vê-se aqui a grande sintonia entre o sujeito, os outros e o mundo!

No *Mahayana*, não só monges, mas também leigos podem chegar à mente nirvânica apenas trilhando o caminho da Compaixão.

Temos o grande exemplo de Compaixão no *Dalai Lama* tibetano, *Tensin Giatso* que embora tendo perdido trono e país, sem qualquer demonstração de mágoa, segue sempre risonho a pregar pelo mundo o Caminho *Mahayana* da Compaixão.

Os principais preceitos do Budismo *Mahayana* são: A Transitoriedade das Coisas (Impermanência: tudo passa e isso nos leva ao desapego) e a Teoria do Vazio (*Sunyata*: inatingível Verdade Suprema).

Por exemplo: Quando se observa uma planta, ela nos parece tal como se vê, porque está inserida em determinado ambiente que lhe dá poucas ou muitas possibilidades de ser fecunda ou não. Noutras palavras tudo está condicionado (Gênese Condicionada).

O que quer o *Mahayana* com a teoria do Vazio e da vida compartilhada? Com a visão da vida compartilhada, compreendemos e perdoamos mais as pessoas, livrando-nos do orgulho e da vaidade, pois as sabemos (pessoas) resultados de muitas influências, não as vendo isoladas do todo.

As religiões surgem uma das outras! As ciências tomam como base outras ciências para gerarem novos paradigmas (KUHN, 2003).

A meditação *Mahayana* conta com dois tipos básicos: A Enstática e a Estática. A primeira (Enstática) busca um *estado de equilíbrio* em que se espera cessar todo o processo sensorial. Nada a ser visualizado.

Na segunda (Estática), é exigida uma *imagem visual* ou *projeção mental*, geralmente voltada para o chamado "Campo do Buda", isto é, o conjunto de seus representantes, de seres compassivos, como, especialmente a *Bodhisattva, Kuan Yin* segundo *Zenji Dôgen* (monge zen-budista) (ZENJI DÔGEN, 1987).

Toda a espiritualidade *Mahayana* e *zen* acentua com vigor o valor e o significado da *experiência da vida* em toda sua tessitura com ênfase na prática do *zazen* (sentar-se, momento de Buda) e uma ligação romântico-espiritual com *Natureza*. A tradição *Mahayana* reconhece a vida como o que há de "mais essencial" (DÔGEN; ROSHI, 1986, p. 67).

Dôgen (monge zen-budista japonês) sublinha a todo tempo a importância do cuidado, da delicadeza e da atenção para com o *presente* em cada um de seus instantes. Há para ele uma relação de proximidade entre a *Natureza* e o *Despertar*.

Essa visão profunda das coisas circundantes e circunstantes e do universo em expansão só se consegue após um sério e longo trabalho de interiorização: viagem ao eu profundo, livrando-se do eu ilusório que nos atormenta a cada instante.

Nem sempre a visão daquilo que está diante dos olhos favorece a percepção de sua profundidade como assinala Izutsu:

para poder ver numa só flor uma manifestação da unidade metafísica de todas as coisas, não só de todos os denominados objetos, mas também do sujeito observador, o ego empírico deve ter sofrido uma transformação total, uma completa anulação de si mesmo – a morte de seu próprio 'eu' e seu renascer numa dimensão de consciência totalmente distinta (IZUTSU, 2009, p. 20-21).

Enquanto o olhar ordinário, essencialista, só consegue ver a montanha como montanha e o rio como rio, o olhar *zen* passou pela experiência do "abismo do Nada", pela experiência fundamental do desaparego.

Acolher o cotidiano na sua elementar maravilha é dos mais importantes desafios apresentados pela tradição *zen*, e por Dôgen em particular (TOLLINI, 2012, p.158-160).

Percebe-se, assim, a grandeza da espiritualidade mundana e cósmica do zen-budismo, explicitada pelo monge Dôgen e tantos outros monges da espiritualidade cósmica Mahayana, especialmente na Ásia mais sensíveis aos ciclos cósmicos.

2.3.3 O ciclo cósmico: Buda sentado na flor de lótus buscando o não eu

Figura 5- Buda sentado na flor de lótus (zazen)



<http://muitoalem2013.blogspot.com.br/2013/08/lotus-flor-da-vida.html>

Lótus é o símbolo da expansão espiritual, do sagrado, do puro. A imagem da flor-de-lótus (*nelumbo nucifera*, da família das *ninfaceas*: como a vitória régia) simboliza elevação espiritual. É difícil encontrar um país da Ásia onde o lótus não seja considerado sagrado.

Segundo o Budismo há vários ciclos cósmicos! O tempo do nascimento de Buda (séc. VI a. C) era um desses ciclos, especialmente o de descida do ciclo cósmico: no judaísmo, o cativo da Babilônia, na China separação entre taoísmo e confucionismo, entre outros fatos mundiais.

É dentro deste momento cíclico que Sidarta Gautama, o Buda Shakyamuni, vai nascer e através da sua iluminação vai abrir outra via espiritual para a humanidade.

O Budismo, como o Cristianismo, são religiões de abertura para a dimensão social e integral do homem, sem discriminação de raças, cores e etnias e transcendendo para o Todo, especialmente praticado na vida monacal com o instrumento da meditação e da contemplação.

Esse sair do eu ilusório para o eu profundo vai marcar o novo ciclo cósmico: desaguar no Todo (pessoa ou estado), inaugurando o Não eu, como o riacho que chega ao mar (Santo Agostinho).

Por isso, o budismo tem um caráter esotérico e gnóstico construído sobre os pilares na Sabedoria (*Prajna*) e na Compaixão Universal (*Karuna*) por todos os seres, pois, compreendendo-se as raízes de nossa ilusão e sofrimento, compreende-se a de todos os seres.

Buda também adverte sobre o aumento progressivo da dificuldade de compreensão de seus ensinamentos. Esta tendência descendente, embora atinja toda a humanidade, será mais acentuada no Ocidente.

A figura de Buda, sentado sobre a flor de lótus (*zazen*), é de imenso significado cósmico-espiritual já que a flor de lótus nasce na lama e se abre belamente para o alto (a transcendência). Do mesmo modo Buda significa a ponte que ele é entre esse mundo de tantas ilusões e o estado de plena realização: o nirvana, estado da plena bem-aventurança.

Buda é a nobre ponte que liga as complexas interfaces: cosmologia e espiritualidade, ou seja: eu e o universo, eu e Brahman, eu e os devas com uma espiritualidade derramada em tudo (cosmos), em todos (seres humanos) com raízes bastante profundas e quase inacessíveis ao comum dos mortais, especialmente os do Ocidente tão excêntricos e surfistas da superficialidade!

CONCLUSÃO

Perpassando o artigo todo, percebe-se que a cosmologia e a espiritualidade budistas, no jogo das interfaces, nos apontam um crescente cármico egoico, incessantemente perseguindo o equilíbrio, seja em nível de eu ilusório que busca o não eu, seja em nível de eu verdadeiro que busca o desaguar pleno em Brahman, a alma do mundo, o Supremo Criador, como afirmam algumas escolas budistas.

A decantada harmonia buscada desde os infernos (frio e quente) até os devas superiores do mundo sem forma, além da montanha Sumeru, é conseguida através de uma espiritualidade, permeada de meditação, da busca da retidão de vida, do respeito total a todos os seres vivos que, mesmo estando nos infernos, têm a chance de evoluir, vivenciando ações cármicas boas, seja no dia a dia do leigo budista, seja



na vivência dos dez preceitos e das normas doutrinárias da comunidade monacal (*samgha*).

De fato, a cosmovisão budista (cosmologia e espiritualidade) pode ensinar a nós ocidentais como conhecer a realidade além das aparências, evitando a ignorância e o retrocesso cármico, embarcando na grande espiral evolutiva rumo à perfeição.

A sintonia dos mundos (microcosmo, mesocosmo e macrocosmo), mesmo com seus avanços e recuos, pode nos levar a envidar maior esforço para cultivar o respeito à vida tão violentada em nossos dias, a aguçar a sensibilidade e a compaixão tão embotadas nos tempos atuais e a viver o grande sentido para a vida: o desaguar no Absoluto plenamente realizador que já nos atrai qual ímã nessa epopeia existencial.

O que é difícil aceitar é que, ao se chegar ao estágio da *mente búdica*, todos tenham as *mesmas percepções espirituais*, negando-se assim a edição única de cada fiel com suas experiências não replicáveis em ninguém!

Que as interfaces da cosmologia e da espiritualidade budistas, no entanto, nos ensinem o caminho da interconexão e da sonhada harmonia pessoal, grupal, nacional, internacional e cósmica, sabendo cuidar de nossa casa: o *oikos*!

Possa esse artigo, de modo simples, levar à reflexão os viajores que somos entre o nascimento e a morte e que possam outros autores ampliá-lo e enriquecê-lo muito mais!

REFERÊNCIAS

A-LIVROS

AMATUZZI, Mauro Martins. **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade. Um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.

DÔGEN ZENJI, E. **La vision immediate. Nature, éveil et tradition selon le Shôbôgenzô**. Paris: Le Mail, 1987.

DÔGEN ZENJI, E; ROSHI, U. **Istruzioni a un cuoco zen. Ovvero come ottenere l'illuminazione in cucina**. Roma: Ubaldini, 1986.

FERREIRA, Aurélio. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p.776.

GAUTAMA, S. **A Doutrina de Buda**. São Paulo: Martin Claret, 2003.



- GIRA, Dennis. **Budismo. História e Doutrina**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1992.
- HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 1. ed. 2001.
- IZUTSU, Toshihiko. **Hacia una filosofía del budismo zen**. Madrid: Trotta, 2009.
- KUHN, Thomas S. **A estruturas das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RIDPATH, Ian. **A Dictionary of Astronomy**. Oxford: Oxford University Press [S.l.], 2012.
- ROSCOE, Gerald. **The monastic life. Pathway of the Buddhist Monk**. Bangkok (Thailand): Orchid Press, 2000.
- TOLLINI, Aldo. **Lo zen. Storia, scuole, testi**. Torino: Einaudi, 2012.
- WIJAYARATNA, Mohan. **Le moine bouddhiste selon les textes du Theravada**. Paris: Cerf, 1983, p. 153.
- YÜN, Hsing. **Características singulares do Budismo**. Cotia (SP): templo Zu Lai, 2001.

B – SITES:

- Álvaro Mitsunori Nishikawa <etenraku,blogspot.com.br/2012> Acesso em 5/8/16., 1h>
- R..Bastos.<http://www.gostodeler.com.br/materia/18254/criacao_do_universo_segundo_o_budismo_e_o_hinduismo> Acesso , 25/3/16, 18h.
- R.Bastos. <http://zeusbudismo.blogspot.com.br/2009/05/cosmologia.html> Acesso 18/03/16 19h.
- <http://muitoalem2013.blogspot.com.br/2013/08/lotus-flor-da-vida.html>>
- Monja Coen <http://www.monjacoen.com.br/textos-budistas/textos-diversos/791- a-espiritualidade- zen-budista>. Acesso em 29/3/16, 17h.
- R. B. Garcia. <Disponível em: <http://www.coladaweb.com/religiao/hinduismo>>. Acesso em 23/04/16, 20h.

